

*Em memória dos meus pais*



# PARTE I

27 de abril, 1926

No dia do milagre, Isabel estava ajoelhada à beira da falésia, a tratar da pequena cruz de madeira flutuante recentemente erguida. Uma única nuvem densa arrastava-se pelo céu de finais de abril, que se estendia por cima da ilha, refletindo o oceano abaixo de si. Isabel deitou mais água, dando palmadinhas na terra à volta do arbusto de alecrim que acabara de plantar.

— ... e não nos deixes cair em tentação, mas livrai-nos do Mal — sussurrou.

Apenas por um instante, a sua mente enganou-a e pensou ouvir um bebé a chorar. Afastou aquela ilusão, o seu olhar atraído em vez disso para um grupo de baleias que serpenteavam costa acima para parirem em águas mais quentes, emergindo de vez em quando com uma sacudidela das caudas, como agulhas a atravessarem um bordado. Voltou a ouvir o vagido, daquela vez mais alto sob a brisa do início da manhã. Impossível.

Daquele lado da ilha havia apenas imensidão, todo o caminho até África. Ali, o oceano Índico escoava-se no oceano Antártico, e juntos estendiam como que um tapete interminável abaixo das falésias. Em dias como aquele, parecia tão sólido que ela tinha a sensação que podia ir a pé até Madagáscar, numa viagem de azul sobre azul. O lado oposto da ilha olhava rabugento na outra direção, para o continente australiano situado a quase uma centena de milhas de distância, sem pertencer bem a terra e no entanto não completamente independente dela — a mais elevada de uma fiada de montanhas submarinas que se erguiam do leito do oceano

como dentes ao longo do osso irregular de um maxilar, à espera de devorar quaisquer navios inocentes na sua corrida final para o porto.

Como se numa tentativa para se corrigir, a ilha — Janus Rock — oferecia um farol, o seu feixe de luz fornecendo um manto de segurança a trinta milhas de distância. Todas as noites, o ar cantarolava com o zumbido constante da câmara luminosa do farol que girava, girava, girava; imparcial, sem culpar as rochas, sem temer as ondas: ali para a salvação, se necessário.

O choro persistia. A porta do farol chocalhava à distância, e a estrutura alta de Tom apareceu na galeria, enquanto ele perscrutava a ilha com os binóculos.

— Izzy — gritou —, um barco! — E apontou para a enseada. — Na praia... um barco.

Desapareceu e voltou a surgir um instante depois, no piso térreo.

— Parece que está alguém lá dentro — gritou.

Isabel apressou-se o mais rapidamente possível ao seu encontro, e ele segurou-lhe o braço enquanto desciam o carreiro íngreme e gasto até à pequena praia.

— É mesmo um barco — declarou Tom. — E... oh, raios! Está ali um tipo, mas...

O vulto não se mexia, caído sobre o banco, no entanto o choro continuava a fazer-se ouvir. Tom apressou-se até ao barco, e tentou levantar o homem antes de procurar no espaço vazio da proa de onde provinha o som. Ergueu uma trouxa de lã: uma camisola feminina, de malha macia e cor de lavanda, estava enrolada à volta de um bebé minúsculo e aos berros.

— Maldição! — exclamou ele. — Maldição, Izzy. É...

— Um bebé! Oh, Santo Deus! Oh, Tom! Tom! Olha... dá-mo!

Ele estendeu-lhe a trouxa, e voltou a tentar reanimar o desconhecido: sem pulsação. Virou-se para Isabel, que estava a examinar a minúscula criatura.

— Ele morreu, Izz. O bebé?

— Aparentemente, está bem. Sem cortes, ou equimoses. É tão pequenino! — disse ela. E depois, virando-se para o bebé, enquanto o embalava: — Pronto, pronto. Agora estás em segurança, meu pequeno. Estás a salvo, minha coisinha bela.

Tom permanecia imóvel, considerando o corpo do homem, apertando os olhos com força e voltando a abri-los, para se certificar de que não estava a sonhar. O bebê parara de chorar, e inalava profundamente nos braços de Isabel.

— Não consigo ver quaisquer marcas no indivíduo, e não parece doente. Não podia andar há muito tempo à deriva... É impensável uma coisa dessas. — Interrompeu-se. — Leva o bebê para casa, Izz, que eu vou procurar qualquer coisa para tapar o corpo.

— Mas, Tom...

— Vai ser o diacho de um trabalho, carregá-lo por este carreiro acima. É melhor deixá-lo aqui, até que chegue alguma ajuda. No entanto, não quero que os pássaros ou as moscas se atirem a ele... Há uma lona no barracão, que é capaz de servir. — Falou com bastante calma, mas sentia as mãos e o rosto frio, enquanto velhas sombras obscureciam o brilhante Sol outonal<sup>1</sup>.

Janus Rock era uma faixa de terra verde com cerca de três quilómetros quadrados, a erva necessária para alimentar as poucas ovelhas, cabras e um punhado de galinhas que ali se encontravam, e o solo arável suficiente para plantar uma horta rudimentar. As únicas árvores ali existentes eram dois pinheiros-de-norfolk, muito altos, plantados pelas equipas vindas do promontório Partageuse, que tinham construído a estação do farol em 1889, há mais de trinta anos. Um amontoado de antigas sepulturas recordava um naufrágio que acontecera muito antes disso, quando o *Pride of Birmingham* naufragara junto das rochas ávidas, em plena luz do dia. Fora num navio daqueles que a luz do farol fora trazida de Inglaterra, exibindo orgulhosamente o nome Chance Brothers, um aval da tecnologia mais avançada da época — com possibilidade de ser instalada em qualquer lugar, independentemente da inospitalidade ou da dificuldade de acesso.

---

<sup>1</sup> Na Austrália (hemisfério sul), as estações do ano ocorrem em meses diferentes dos do hemisfério norte. Assim sendo, a primavera começa em setembro e termina em novembro; o verão inicia-se em dezembro, e termina em fevereiro; o outono ocorre entre março, abril e maio; e o inverno entre junho, julho e agosto. (NT)

As correntes traziam todo o tipo de coisas: destroços e lastro, que giravam como se entre hélices gêmeas; restos de naufrágios, arcas de chá, ossos de baleia. Aqueles objetos apareciam ao seu próprio ritmo, à sua própria maneira. A estação do farol estava solidamente assente no centro da ilha, a casa do faroleiro e os edifícios externos acorados ao lado do farol, agachados devido a décadas de ventos cortantes.

Na cozinha, Isabel sentou-se à velha mesa, o bebê nos seus braços embrulhado num cobertor amarelo e macio. Tom raspou lentamente as botas no capacho antes de entrar, e pousou uma mão calosa no ombro dela.

— Já tapei a pobre alma. Que tal está o pequeno?

— É uma menina — disse Isabel, com um sorriso. — Dei-lhe banho. Parece-me bastante saudável.

O bebê virou-se para ele de olhos escancarados, a beber o seu olhar.

— Que raio pensará ela disto tudo? — interrogou-se Tom, em voz alta.

— Também lhe dei um pouco de leite, não dei, minha querida? — arrulhou Isabel, transformando a frase numa pergunta para o bebê. — Oh, ela é tão, tão perfeita, Tom — disse, e beijou a criança. — Só Deus sabe aquilo por que passou.

Tom tirou uma garrafa de brandy do aparador de pinho e serviu-se de uma pequena dose, bebendo-a de uma só golada. Sentou-se ao lado da mulher, observando a luz a brincar-lhe no rosto enquanto ela contemplava o tesouro que tinha nos braços. O bebê seguia todos os movimentos dos seus olhos, como se Isabel pudesse escapar se ela não a prendesse com o olhar.

— Oh, pequenina — trauteou Isabel —, pobre, pobre pequenina — enquanto o bebê erguia o rosto na direção do seu peito. Tom conseguiu ouvir lágrimas na sua voz, e a recordação de uma presença invisível pairou no ar entre ambos.

— Ela gosta de ti — disse ele. Depois, quase para si mesmo: — Faz-me pensar em como as coisas poderiam ter sido. — Acrescentou rapidamente: — Quero dizer... não quis dizer... É só que parece ter nascido para isto. — Acariciou-lhe a face.

Isabel levantou os olhos para ele.

— Eu sei, querido. Eu percebo o que queres dizer. Sinto o mesmo.

Colocou os braços à volta da mulher e da criança. Isabel sentiu o seu hálito a brandy. Murmurou:

— Oh, Tom, graças a Deus que a encontrámos a tempo.

Tom beijou-a, depois pousou os lábios na testa do bebé. Ficaram assim os três durante muito tempo, até a criança começar a contorcer-se, espetando um punho para fora do cobertor.

— Bem — Tom espreguiçou-se, ao levantar-se —, vou enviar uma mensagem, a reportar o barco a remos; pedir-lhes que enviem um navio, para virem buscar o corpo. E também esta pequenita.

— Ainda não! — exclamou Isabel, tocando nos dedos do bebé. — Quero dizer, não há pressa de o fazermos neste instante. O pobre homem não vai piorar. E parece-me que, de momento, este pintainho já teve a sua dose de barcos. Deixa as coisas como estão, durante algum tempo. Dá-lhe hipótese de recuperar o fôlego.

— Eles vão demorar horas a cá chegar. Ela vai ficar bem. Já a acalmaste, pobre pequenina.

— Vamos esperar. De qualquer maneira, não deve fazer grande diferença.

— Tem de ficar tudo registado, querida. Sabes que tenho de registar tudo de imediato — disse Tom, pois as suas funções incluíam anotar qualquer evento significativo na, ou perto da, estação do farol, desde as condições atmosféricas e navios de passagem, até problemas com os aparelhos.

— Fazes isso de manhã, sim?

— Mas, e se o barco pertencer a um navio?

— É um barco a remos, não um bote salva-vidas — disse ela.

— Então é provável que o bebé tenha uma mãe à sua espera, algures na costa, a morrer de preocupação. Como é que te sentirias, se fosse teu?

— Tu viste a camisola de malha. A mãe deve ter caído do barco, e afogou-se.

— Querida, não sabemos nada a respeito da mãe. Nem sabemos quem era aquele homem.

— É a explicação mais provável, não é? Os bebés não se afastam, sem mais nem menos, dos pais.

— Izzy, qualquer coisa é possível. Nós não sabemos o que aconteceu.

— Quando é que ouviste falar de um bebezinho a partir num barco a remos, sem a mãe? — Ela apertou um pouco mais o bebé.

— Isto é sério. O homem está morto, Izz.

— E o bebé está vivo. Tem coração, Tom.

Algo no tom da sua voz atingiu-o, e em vez de se limitar a contradizê-la, interrompeu-se e pensou no seu pedido. Talvez ela precisasse de algum tempo com um bebé. Talvez ele lho devesse. Seguiu-se um silêncio, e Isabel virou-se para ele num apelo mudo.

— Presumo, que neste caso... — concedeu ele, as palavras saindo-lhe com grande dificuldade — eu podia... enviar a mensagem só de manhã. No entanto, vai ser a primeira coisa que vou fazer. Assim que a luz do farol estiver apagada.

Isabel beijou-o, e apertou-lhe o braço.

— É melhor voltar para a câmara luminosa do farol. Estava a substituir uma válvula — disse ele.

Ao descer o carreiro, ouviu as notas doces da voz de Isabel enquanto cantava «*Sopra o vento do sul, do sul, do sul; Sopra o vento do sul sobre o mar azul, azul*». Apesar de a canção ser melodiosa, não se sentiu reconfortado ao subir as escadas do farol, e afastou um estranho presságio causado pela concessão que acabara de fazer.

## CAPÍTULO 1

16 de dezembro de 1918

— Sim, eu percebo — disse Tom Sherbourne. Estava sentado numa sala espartana, pouco mais fresca do que o dia abafado no exterior. A chuva estival de Sydney batia contra a janela, fazendo com que as pessoas no passeio corressem em busca de abrigo.

— Quero dizer, *muito* duro. — O homem do outro lado da secretária inclinou-se para a frente, como que a enfatizar o que acabara de dizer. — Não é um piquenique. Não é o pior posto de faróis da baía Byron, mas gostaria de me certificar que sabe aquilo em que se vai meter. — Comprimiu o tabaco com o polegar, e acendeu o cachimbo.

A carta de candidatura de Tom contava uma história semelhante à de muitos outros homens da época: nascido a 28 de setembro de 1893; a guerra, passada no exército; experiência com os códigos Morse e Internacional; fisicamente bem constituído e saudável; dispensa do serviço militar no ativo, com louvor. As regras estipulavam que a preferência devia ser dada a antigos combatentes.

— Não pode... — Tom interrompeu-se, e depois recomeçou. — Com o devido respeito, Sr. Coughlan, é improvável que seja mais duro do que a Frente Ocidental.

O homem voltou a ler os pormenores dos papéis de dispensa, depois olhou para Tom, procurando algo nos seus olhos, no seu rosto.

— Não, filho. Quanto a isso, é provável que tenha razão. — Começou a matraquear algumas regras. — O Tom é que tem de pagar a sua própria passagem, para cada posto. É um substituto, por isso não terá férias. O pessoal permanente tem um mês de licença, no final de

cada contrato de três anos. — Pegou na caneta grossa, e assinou o formulário à sua frente. — Bem-vindo ao Serviço de Faróis da Commonwealth. — Carimbou o papel em três lugares. No formulário, a data «18 de dezembro de 1918» brilhava, a tinta ainda húmida.

O posto de substituição de seis meses na baía Byron, na costa da Nova Gales do Sul, com mais dois faroleiros e as suas famílias, ensinou a Tom as coisas básicas acerca da vida nos faróis. Ele seguiu aquele posto com uma passagem por Maatsuyker, a ilha selvagem a sul da Tasmânia onde chovia grande parte dos dias, e as galinhas eram sopradas para o mar durante as tempestades.

Nos faróis, Tom Sherbourne tem muito tempo para pensar na guerra. Nos rostos, nas vozes dos indivíduos que tinham combatido ao seu lado, que lhe tinham salvado a vida, de uma ou doutra maneira; aqueles cujas palavras moribundas ele ouvira, e aqueles que murmuravam coisas que ele não conseguia perceber mas às quais, apesar de tudo, assentia.

Tom não é um dos homens cujas pernas ficaram presas por um punhado de tendões, ou cujas entranhas irromperam do seu invólucro como enguias a contorcerem-se. Nem os seus pulmões se transformaram em cola, ou os seus miolos em papa devido ao gás. Mas apesar disso também está cicatrizado, tendo de viver na mesma pele do homem que, na altura, precisava de fazer as coisas que tinham de ser feitas. Ele transporta essa outra sombra, que se lança no seu interior.

Tenta não pensar muito no assunto: viu muitos homens a tornarem-se piores do que inúteis, dessa maneira. Por isso, prossegue com a sua vida à volta dos limites dessa coisa para a qual não tem nome. Quando sonha com aqueles anos, o Tom que os está a viver, o Tom que se encontra ali com sangue nas mãos, é um rapaz de oito anos ou perto disso. É esse rapazinho que se levanta contra indivíduos com espingardas e baionetas, e está preocupado porque as suas meias da escola escorregaram e ele não as pode puxar para cima porque terá de deixar cair a sua arma, e nem sequer tem o tamanho suficiente para segurar nela. E não consegue encontrar a mãe em lugar nenhum.

Depois acorda, e está num lugar onde há apenas vento e ondas e luz, e a maquinaria intrincada que mantém a chama a arder e a câmara luminosa a girar. Sempre a girar, sempre a olhar por cima do ombro.

Se apenas se conseguir afastar o suficiente — das pessoas, das recordações —, o tempo encarregar-se-á do resto.

A milhares de quilómetros de distância na costa oeste, Janus Rock era o local mais afastado no continente da casa de infância de Tom, em Sydney. Mas o farol Janus foi a última parte da Austrália que avistara, quando o navio de transporte de tropas partiu para o Egito em 1915. O cheiro dos eucaliptos tinha sido suavemente levado pelo ar desde Albany e quando o cheiro se desvaneceu, Tom sentiu-se de repente melancólico por ter perdido algo; algo de que não sabia que podia sentir falta. Depois, horas mais tarde, a luz estável e constante com os seus clarões de cinco segundos, surgiu à sua frente — o ponto mais distante da sua terra natal —, e aquela recordação acompanhou-o durante os anos de inferno que se seguiram, como um beijo de despedida. Quando, em junho de 1920, teve conhecimento de uma vaga urgente em Janus foi como se aquela luz estivesse a chamar por ele.

Vacilando na extremidade da plataforma continental, Janus não era um posto popular. Apesar da sua classificação de dificuldade de Nível Um significar um salário ligeiramente mais elevado, os antigos faroleiros afirmavam que não compensava o dinheiro, que continuava a ser muito pouco. O faroleiro que Tom substituiu em Janus era Trimble Docherty, que causara uma certa agitação ao reportar que a sua mulher fazia sinais a navios de passagem, ao hastear mensagens com as bandeiras coloridas do Código Internacional<sup>2</sup>. Aquilo não era do agrado das autoridades por dois motivos: primeiro, o diretor delegado dos Faróis tinha alguns anos antes proibido a sinalização por

---

<sup>2</sup> O Código Internacional de Sinais (CIS) é utilizado por qualquer embarcação de navegação marítima, e serve de meio de comunicação entre dois ou mais navios. É constituído por diferentes bandeiras, coloridas e com elementos geométricos, que juntas ou combinadas formam mensagens ou letras. Por exemplo, bandeira com divisão transversal amarela e vermelha significa «Homem ao mar», mas também representa a letra O (Oscar) quando conjugada com outra bandeira. (NT)

meio de bandeiras no Janus, já que as embarcações se colocavam em risco ao aproximarem-se demasiado para as decifrar; e em segundo, porque a mulher em questão morrera recentemente.

Gerou-se uma correspondência considerável em triplicado, relacionada com o assunto, entre Fremantle e Melbourne, com o diretor delegado de Fremantle a apresentar o caso de Docherty, e os seus anos de excelente serviço, a um chefe de gabinete estritamente preocupado com a eficiência e custos, e com a obediência às regras. Chegou-se a um compromisso, no qual seria contratado um farenheiro temporário, e foram concedidos a Docherty seis meses de licença médica.

— Num caso normal, não enviaríamos um homem solteiro para Janus; é demasiado distante, e uma mulher e família podem ser uma grande ajuda prática, não apenas um conforto — dissera o superintendente distrital a Tom. — Mas considerando que é apenas temporário... Partirá para Partageuse dentro de dois dias — disse ele, e contratou-o para seis meses.

Não havia muita coisa a organizar. Ninguém de quem se despedir. Dois dias depois, Tom subiu o passadiço do navio, armado com um saco de lona e pouco mais. O *SS Prometheus* avançou pela costa meridional da Austrália, parando ao longo da sua viagem em vários portos entre Sydney e Perth. Os poucos camarotes reservados para passageiros de primeira classe situavam-se no convés superior, perto da proa. Na terceira classe, Tom partilhava um camarote com um marinheiro idoso.

— Há cinquenta anos que faço esta viagem... não teriam a lata de me pedir que a pagasse. Um azar, sabe — dissera o homem num tom animado, depois voltou a desviar a atenção para a enorme garrafa de rum de elevado teor alcoólico que o mantinha entretido. Para se escapar aos vapores do álcool, Tom começou a calcorrear o convés durante o dia. De noite, havia normalmente um jogo de cartas, no convés inferior.

Ainda se podia dizer com um simples olhar quem lá estivera, e quem passara a guerra em casa. Conseguia-se cheirá-lo num

homem. Cada um tinha a tendência para se manter com os seus. Encontrar-se nas entranhas de um navio trouxe-lhe recordações dos navios de transporte de tropas que o levaram primeiro para o Médio Oriente, e mais tarde para França. Passados minutos da sua chegada a bordo, eles tinham percebido, quase com um instinto animal, quem era oficial e quem pertencia às patentes mais baixas; e onde tinham estado.

Tal como nos navios de transporte, o importante era encontrar qualquer coisa que animasse a viagem. O jogo escolhido era bastante familiar: o primeiro que conseguisse um *souvenir* de um passageiro de primeira classe era o vencedor. No entanto, não podia ser um *souvenir* qualquer. O artigo designado era um par de culotes femininos. «O dinheiro do prémio duplica se ela os estiver a usar na altura».

O chefe do grupo, um homem chamado McGowan, de bigode e dedos amarelados pelos seus *Woodbines*, disse que estivera a conversar com um dos criados de bordo acerca da lista de passageiros: a escolha era limitada. Havia dez camarotes, no total. Um advogado e a sua mulher — era melhor manterem-se bem afastados deles; alguns casais idosos, duas solteironas velhas (promissoras), mas o melhor de tudo, a filha de um janota qualquer que viajava sozinha.

— Presumo que possamos trepar pelo lado, e entrar pela vigia — anunciou ele. — Quem está comigo?

O perigo do jogo não surpreendeu Tom. Desde que regressara, ouvira dúzias de histórias daquelas. Homens que tinham arriscado as vidas por um capricho — saltando os gradeamentos nas passagens de nível, depois de uma corrida rápida; nadando em correntes, para ver se conseguiam sair. Assim, muitos homens que tinham conseguido esquivar-se à morte durante a guerra, pareciam agora viciados e seduzidos por ela. Apesar disso, eram agora livres. E, provavelmente, apenas cheios de conversa.

Na noite seguinte, quando os pesadelos eram piores do que o habitual, Tom decidiu escapar-se-lhes, dando um passeio pelos conveses. Eram duas da manhã. A essa hora tinha a liberdade de vaguear por onde quisesse, por isso calcorreou metodicamente o

navio, observando o luar a deixar a sua esteira na água. Subiu ao convés superior, agarrando-se ao corrimão da escada para contrariar o rolar suave, e deteve-se por um momento no cimo, a absorver a frescura da brisa e a constância das estrelas que salpicavam a noite.

Pelo canto do olho, viu um relampejar a acender-se num dos camarotes. Até os passageiros de primeira classe tinham por vezes problemas para dormir, pensou. Depois, algum sexto sentido despertou nele — aquele instinto familiar, indefinível, de que havia sarilhos. Moveu-se silenciosamente na direção do camarote, e espreitou pela vigia.

Sob a luz fraca, viu uma mulher encostada à parede, presa naquele lugar, apesar de o homem que se encontrava à sua frente não lhe estar a tocar. Estava a uns dois centímetros e meio de distância do seu rosto, com um olhar lúbrico que Tom vira com demasiada frequência. Ele reconheceu o homem do convés inferior, e lembrou-se do prémio. Malditos idiotas. Tentou abrir a porta, e ela abriu-se.

— Deixe-a em paz — disse, ao entrar no camarote. Falou calmamente, mas não deixou espaço para argumentações.

O homem virou-se para ver quem era, e sorriu ao reconhecer Tom.

— Céus! Pensei que fosses um criado! Podes dar-me uma mãozinha, eu estava mesmo...

— Eu disse, deixe-a em paz! Afaste-se. Já.

— Mas ainda não acabei. Ia fazê-la ganhar o dia. — O homem fedia a álcool e a tabaco rançoso.

Tom pousou uma mão no seu ombro, e apertou-o com tanta força que o homem gritou. Era uns bons quinze centímetros mais baixo do que Tom, mas apesar disso tentou atingi-lo. Tom agarrou-lhe o pulso e torceu-lho.

— Nome e patente!

— McKenzie. Soldado. 3277. — O número de identificação não solicitado seguiu-se como um reflexo.

— Soldado, vai apresentar desculpas a esta jovem senhora e regressar ao seu beliche, e não voltará a mostrar a cara no convés até atracarmos, percebeu?

— Sim, senhor! — Virou-se para a mulher. — Peço perdão, Miss. Não foi por mal.

Ainda aterrorizada, a mulher esboçou um ligeiro assentimento.

— Agora, saia! — disse Tom, e o homem envergonhado por uma sobriedade repentina saiu do camarote a arrastar-se. — A menina está bem? — perguntou Tom à mulher.

— Eu... eu acho que sim.

— Ele magoou-a?

— Ele não... — estava a dizê-lo tanto para Tom, como para si mesma — ele não me chegou mesmo a tocar.

Olhou o rosto da mulher — os seus olhos cinzentos pareciam agora mais calmos. O cabelo escuro estava solto, caindo-lhe em ondas até aos braços, e os seus punhos ainda apertavam a camisa de dormir junto ao pescoço. Tom tirou o seu roupão de um gancho na parede, e colocou-lho à volta dos ombros.

— Obrigada — disse ela.

— Deve ter apanhado um susto terrível. Receio que, ultimamente, alguns de nós não estejamos habituados a uma companhia civilizada.

Ela não respondeu.

— Não voltará a ter problemas com ele. — Tom endireitou uma cadeira, que se virara no confronto. — Depende de si se quer apresentar queixa, Miss. Eu diria que de momento ele não joga com o baralho todo.

Os olhos dela interrogaram-no.

— Estar na guerra altera um homem. Para alguns, o certo e o errado já não parecem assim tão diferentes. — Virou-se para sair, mas voltou a assomar a cabeça pela porta. — Tem todo o direito de o acusar, se o quiser fazer. Mas parece-me provável que ele já tenha problemas suficientes. Como disse... é consigo. — E desapareceu pela porta.